

Educação, Trabalho e Desenvolvimento Humano¹

José Pastore
Consultor

O mundo do trabalho passa por uma enorme revolução. Gostaria de analisar as características dessa revolução e suas implicações para a educação e para as profissões.

1. Em grande parte, essa mudança é devida a um profundo processo de mutação pelo qual passam as empresas. Muitas se fundem. Outras se subdividem. Várias entram em ramos novos. Inúmeras adotam novas tecnologias e novos modos de produzir e vender.

Isso afeta a composição dos quadros de pessoal e os modos de trabalhar. Afeta também a vida e o conteúdo das profissões. Algumas morrem; outras nascem; e a maioria se transforma.

Aprofundemos a análise da mutação das empresas. Eu sou do tempo em que a General Motors ganhava dinheiro vendendo automóveis. Hoje, aquela empresa gera uma colossal receita, através de seus bancos, emprestando dinheiro. É o caso de uma indústria que adentrou no setor financeiro. O quadro de pessoal que era composto de metalúrgicos e administradores passa a receber profissionais entendidos em mercado de capitais, câmbio, dívida pública, taxas de juros, segurança de crédito, etc.

Eu sou também do tempo em que a General Electric construiu um império mundial vendendo turbinas de avião e tomógrafos para hospitais. Hoje, o grosso de sua receita vem da assistência técnica às turbinas e aos tomógrafos. É uma indústria que fatura prestando serviços. O seu quadro de pessoal também se tornou mais heterogêneo desde que entrou nessa área.

Eu sou ainda do tempo em que a VARIG ganhava dinheiro transportando passageiros e cargas. Hoje, uma parte expressiva de seus recursos provém da venda da marca Smiles para os cartões de crédito. É uma transportadora que casou com os bancos. Novos profissionais foram chamados para compor os quadros da empresa.

São exemplos da metamorfose das empresas. Nos dias atuais, já não se sabe a que setor uma empresa pertence. Há indústrias que entram no campo dos serviços. Outras entram no campo das finanças. Da mesma forma, há empresas do comércio que passam a fazer trabalhos industriais como é o caso da papelaria que, ao adquirir uma máquina xerox e um computador, passa a funcionar como gráfica.

As mutações das empresas estão se tornando revolucionárias. O McDonald's, conhecida pelos bilhões de sanduíches que serve em mais de 100 países, partiu para o ramo hoteleiro usando o seu reconhecido know-how nos campos da **presteza, higiene e automação**. Seus hotéis se destinam a executivos que são hóspedes exigentes nesses três quesitos. A entrada e saída do hotel são automáticas. Os aposentos são absolutamente limpos. Cada apartamento é equipado com computador, Internet, fax e até cama automática que se adapta à posição favorita dos hóspedes.

No Brasil, as empresas de carro-forte - que antes só transportavam valores - estão realizando o serviço de tesouraria para lojas e supermercado. Esses estabelecimentos passam a usar os espaços para vendas - que é a sua missão principal - e deixam para as empresas transportadoras a tarefa de administrar os recursos. Tais empresas prestam ainda consultoria na área de segurança. O Unibanco já tem INÚMERAS salas de cinema e promete crescer muito mais no ramo do entretenimento.

Essa reviravolta tem grandes implicações para o emprego e para as profissões. Toda vez que uma empresa avança em determinado setor (que é estranho à sua missão original), ela é forçada a incorporar profissionais de outras especialidades - que, por sua vez, são dispensados pelas empresas que contratam os

seus serviços.

2. Além dessa metamorfose, as empresas passam por um rápido processo de desverticalização. Nos dias de hoje, é desvantajoso fazer tudo. Mais conveniente é fazer o que faz parte da missão central da empresa e subcontratar o resto de empresas especializadas - a chamada terceirização.

Mas, nas empresas subcontratadas, os profissionais enfrentam novos desafios. De um modo geral, as exigências são maiores. A qualidade é ditada pelas empresas contratantes. Por isso, quem trabalha em uma empresa subcontratada pela General Motors, Votorantim ou Bradesco, tem de seguir padrões de eficiência dessas empresas.

Apesar de serem separadas, os padrões de produção convergem bastante entre contratantes e contratadas. Já não se pode dizer que só as grandes empresas são exigentes em matéria de qualidade. As pequenas e médias, seguem o mesmo caminho.

Nem se pode dizer que a indústria é mais exigente. O comércio e serviços estão na mesma trajetória. Até os chamados setores mais tradicionais - como a agricultura no campo e a construção civil nas cidades - aumentam o nível de qualificação que se exige de um profissional.

Faça um teste. Vá a uma feira de produtos agropecuários e pergunte aos vendedores, por exemplo, o que deve um lavrador saber para usar um novo herbicida. Ele lhe dirá que a primeira exigência é a leitura e compreensão da bula que acompanha o produto. Em seguida, o lavrador tem de saber que tipo de praga pretende destruir, qual a extensão da área, e que tipo de diluição é apropriada. Finalmente, tem de saber escolher o bico adequado e fazer a aspersão de acordo com os procedimentos indicados no produto. Convenhamos, esse lavrador não pode ser analfabeto - nem analfabeto funcional.

3. As tecnologias existentes não param de se renovar. Na década de 60, uma inovação industrial durava, como novidade, cerca de dois anos - em média. Na década de 70, passou a durar apenas um ano. Na década de 80, seis meses. E na década de 90, algumas semanas. Hoje em dia, há produtos que duram apenas algumas horas. Um banco, por exemplo, anuncia no Programa Bom Dia Brasil um novo CDB atraente, por pagar uma alta taxa de juros e ter liberdade de resgate e, no mesmo dia, no Jornal Nacional um seu concorrente anuncia um CDB ainda melhor - o que faz o primeiro banco reformular seu produto para poder abrir as portas no dia seguinte.

Os profissionais da atualidade são demandados a acompanhar as mudanças nas tecnologias e nos modos de produzir à toda velocidade. Para fazer isso, não basta ser adestrado. É preciso ser educado. Só a educação prepara a pessoa para aprender continuamente.

Isso é essencial nos dias atuais. Nenhuma empresa espera que o funcionário recém-recrutado saiba fazer de tudo. Mas ela espera que ele tenha condições para aprender muitas coisas. Isso depende de uma boa educação básica - e não apenas de especialização. Voltarei a esse tema mais adiante.

4. O emprego encolhe nas empresas contratantes e aumenta nas empresas contratadas. Mas não são os mesmos empregados que migram automaticamente de um lado para o outro. Ao contrário, nesse processo de mutação de empresas, os trabalhadores são demandados a mudar de perfil. As empresas modificadas procuram recrutar quem está perto desse perfil. Além disso, desenvolvem um intenso treinamento em tarefas específicas e ligadas ao novo negócio. Ocorre que tais treinamentos só dão frutos quando as pessoas possuem uma boa educação geral. Por isso, viramos para cá, viramos para lá, e caímos no mesmo lugar: para acompanhar o profundo processo de mutação que atinge as empresas, a educação dos funcionários é o ingrediente crucial. É com base nela que as pessoas conseguirão aproveitar as novas oportunidades de trabalho.

5. Essas transformações têm um enorme impacto nos mundos de trabalhar. Alguns continuam trabalhando na base do emprego fixo e de forma contínua. Outros, trabalham por projetos e de forma descontínua. Há ainda os que trabalham como subcontratados, terceirizados, por tarefa, e de várias outras maneiras. Hoje em dia se fala em condomínio de empresas. Em empresas satélites. Em sistematistas.

O Brasil não está fora dessas mudanças. Elas já chegaram. E são decisivas para vencer os desafios da nova economia. Muitas delas estão em franco andamento. Está surgindo um novo mundo do trabalho.

No meio de todas essas mudanças, como disse, há muitas atividades e profissões que morrem; outras que nascem; e a maioria que se transforma.

As novas tecnologias de gráfica, por exemplo acabaram com os linotipistas e os tipógrafos que faziam composição com tipos separados. O mesmo aconteceu com o telegrafista que foi substituído pelo Internauta. No ramo do jornalismo, a informática permite que o repórter escreva o texto dentro do tamanho certo para ir direto à rotativa que imprime os jornais. A multiplicação de hospitais, acabou com as parteiras e curiosas. E assim por diante. São inúmeras as profissões que desapareceram por força das mudanças nas tecnologias e nos modos de trabalhar.

Do lado delas, muitas novas profissões nasceram e continuam nascendo. Há um enorme conjunto de atividades ligadas à informática e telecomunicações. São profissionais que lidam com aparelhos de diagnóstico na área de medicina; com instrumentos eletrônicos na área da cirurgia; com equipamentos sofisticados nos aviões, nos trens, metrô, controle de vôos, no paisagismo, na biologia oceânica, na ecologia, etc.

Mas as novas profissões e os novos modos de trabalhar não surgiram apenas nos níveis elevados do ensino superior. Eles permeiam toda a estrutura ocupacional. É o analista de sistemas que dá assistência técnica a várias empresas e profissionais liberais. É o "personal trainer" que executa o seu trabalho em inúmeras academias, clubes e residências. É o professor de inglês que dá aulas a executivos na hora do almoço. É a manicura que atende a domicílio. É o limpador de piscinas que vai de casa em casa nas zonas urbanas. É o adestrador de cães. São os que cuidam de idosos em suas residências, incluindo-se o seu lazer.

O mundo das profissões também passa por mutações. Isso ocorre em todos os níveis. Um cirurgião nos dias de hoje domina uma série de conhecimentos e instrumentos que sequer existiam há 20 anos. Com frequência, ele trabalha em equipe que inclui médicos, engenheiros, físicos e outros profissionais especializados, sem falar nos químicos, analistas e radiologistas que lhes dão retaguarda nos laboratórios e nos aparelhos de Raios X, tomógrafos e ressonância magnética. A profissão continua sendo denominada "médico" mas o seu conteúdo mudou profundamente.

O mesmo acontece com profissões de menor qualificação. Gosto de citar o caso do barbeiro. Há 20 anos, era o barbeiro artesanal, que cortava tudo na tesoura. Hoje, é o barbeiro industrial, que passa uma máquina de tosa, liberando o freguês em poucos minutos para se encontrar com vários outros que guardam o mesmo estilo de cabelo. Há dez anos, os barbeiros artesanais formavam 70% do total de barbeiros; hoje, só 20%.

Vejam o caso da empregada doméstica. Nos dias atuais, uma família de classe média espera que, além de saber limpar, lavar e passar, a empregada saiba tomar nota de um recado telefônico, atender uma visita com cortesia, usar adequadamente o aspirador, o triturador e a máquina de lavar roupas. Utilizar, sem quebrar, a máquina de lavar pratos e, se possível, saber recolher uma mensagem que chegou por fax. O nome da profissão é o mesmo - empregada - mas o conteúdo é bastante diferente do que era há 20 anos atrás.

6. Como se preparar para esse novo mundo?

Como acontece todos os anos, ao se aproximar a época dos vestibulares, o meu e-mail fica repleto com as mesmas perguntas: O que devo aconselhar para o meu filho? Qual é a melhor profissão nos dias atuais? Quem tem mais chance de trabalhar?

Para todos, eu ofereço uma só resposta: apoie o estudante para seguir a profissão que ele diz gostar. Mas, uma vez aprovado no vestibular, convença-o de que, no mundo atual, vencerá quem for o melhor profissional.

O tempo do apadrinhamento está acabando. Os empregadores deixaram de contratar afilhados com base nos pedidos comovidos de seus padrinhos. Isso é coisa do passado, quando as empresas podiam passar suas ineficiências para os preços que, por sua vez, eram pagos por consumidores sem alternativa em uma economia fechada.

Isso acabou. O velho "pistolão" está morrendo. Até no governo, ele começa a definir. Há ainda alguns focos de nepotismo, é verdade, mas a imprensa e a sociedade estão no seu encaixo, não dando folga a juizes e parlamentares que ainda tentam nomear na base do parentesco ou amizade.

Hoje, o jogo virou. O mercado está se tornando cada vez mais competitivo. Preços sobrecarregados pela incapacidade ou preguiça de quem trabalha “de favor”, levam as empresas à falência. Ninguém quer correr esse risco.

A - A primeira sugestão que posso dar aos jovens é essa. Seja qual for a profissão escolhida, prepare-se para ser bom nela. O sucesso vai brilhar para quem ficar acima da média.

Vivemos num tempo em que não basta ter um diploma. *Aprender a conhecer* é importante, sem dúvida. Mas, *aprender a fazer* é muito mais importante. Toda vez que alguém passar na porta de uma firma, que não emprega ninguém há vários anos, e disser ser capaz de resolver o problema da empresa, essa pessoa será imediatamente admitida.

Educação não cria empregos de forma direta. Mas cria de forma indireta porque a educação atrai capitais. Estes criam empregos. Para as oportunidades criadas e existentes, sai melhor quem é capaz. Tem mais chance, os que usam bem os conhecimentos que aprenderam.

B - E como conseguir essa competência? Basta ler o que o professor recomenda? Não. É preciso estudar, pelo menos, o dobro. É preciso se informar constantemente. É preciso ter dentro de si o *vírus da curiosidade*.

Muitos me dizem: ora, isso não é novidade. O mercado sempre esteve atrás de gente boa. É verdade. Mas a corrida tornou-se frenética com o aumento da competição.

As pesquisas são muito claras. As empresas não esperam contratar quem saiba tudo, mas buscam recrutar quem tem obsessão por apreender continuamente. E isso depende de cultivar o hábito de ler e se informar o tempo todo.

Sentar na sala de aula é fácil. Aprender é uma outra questão. A melhoria da distribuição da renda vem do aprendizado e não do ensino.

C - É inútil querer conhecer tudo. Evite submergir no meio de muita informação. Use a Internet com inteligência. Seja seletivo. Não queira ser apenas um bom especialista. O mundo atual exige especialidade e cultura. Sim, porque, nele, você terá de trabalhar em equipes, e a conviver com pessoas de formação variada.

D - Essa é outra sugestão. Estude com afinco a sua profissão, e se informe à respeito das profissões da mesma família. Se você escolheu economia, leia sobre direito, administração e até de engenharia. Se você vai ser engenheiro, vá lendo economia, direito e até sociologia, lembrando ainda que, uma boa base de história não faz mal a ninguém. Não se atenha aos assuntos da faculdade. Vá além disso.

E - Mais uma sugestão. Entenda que o tempo dos seres humanos já não mais se divide entre trabalho e lazer. Cada vez mais, ele é composto de três partes: trabalho, lazer e aprendizagem. Aprenda a dosar o tempo. Coloque na sua agenda, as horas de estudo, as de lazer e as de trabalho. Busque o equilíbrio.

Permitam-me contar-lhes um fato verídico. Dei uma palestra, recentemente, para cerca de 900 estudantes universitários de todo o Brasil, que queriam saber a quantas anda o mercado de trabalho para as profissões que escolheram - médicos, advogados, engenheiros, psicólogos, etc. Foi uma excelente reunião. Eles estavam ávidos por informações.

No final do evento, indaguei quantos haviam sido atingidos pela triste greve das universidades federais que, no primeiro semestre de 1998, durou 90 dias.

Mais de 90% levantaram a mão. Indaguei, em seguida, quantos, durante os dias de greve, estudaram em casa, 4 horas por dia. Nenhum moveu o braço!

Foi um quadro chocante. Eles perderam 360 preciosas horas de estudo, que poderiam ter sido usadas para atualizar as leituras, avançar o futuro, explorar outros campos do saber, e ajudar a prepará-los na longa caminhada para ser os melhores nas profissões escolhidas.

Apesar de ter uma escolaridade bem acima da média dos demais brasileiros de sua idade, aqueles jovens não foram preparados para estudar de forma autônoma. Não foram inoculados com o vírus da curiosidade.

Disciplina. Curiosidade. Amor ao conhecimento. Zelo pelo saber. Garra. Esses são os

ingredientes mais importantes para as pessoas se prepararem para o mercado de trabalho, em qualquer profissão. Isso conta mais do que a carreira escolhida, ou o diploma obtido.

As empresas do futuro estarão cada vez mais em busca das pessoas curiosas e interessadas em aprender o tempo todo. Sim, porque um quadro de pessoal que seja adaptável às mudanças, é a melhor vantagem comparativa para enfrentar um mundo de concorrência galopante.

Os critérios de seleção já mudaram bastante, e vão mudar mais. Já foi o tempo em que você tinha grandes chances no mercado de trabalho, quando anunciava ser engenheiro, administrador ou economista, formado por um boa faculdade. Isso conta, mas não é tudo.

As empresas pararam de comprar profissões e faculdades. Elas estão atrás de respostas, e, sobretudo, de pessoas que enfrentam a realidade com uma clara, comprovada e indomável disposição de se apropriar do incompreensível.

Dois recentes relatórios de órgãos da ONU enfatizam de maneira dramática a importância da qualidade da educação para o progresso das pessoas e das sociedades contemporâneas. O primeiro é o "Relatório do Desenvolvimento Humano", elaborado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). O segundo é o "Relatório Mundial de Emprego", elaborado pela OIT (Organização Internacional do Trabalho).

Os dois estudos deixam claro que na sociedade atual só tem chance quem domina conhecimentos de boa qualidade. Isso tem pouco a ver com anos de escola; e menos ainda com diploma. Conhecimentos de boa qualidade são aqueles que tornam os seres humanos produtivos e criativos, facilitando a aquisição de mais e melhores conhecimentos.

Sem esse tipo de conhecimentos, as oportunidades de desenvolvimento individual e social do mundo atual permanecem inacessíveis. A sociedade moderna precisa de cidadãos capazes para oferecer respostas rápidas às mudanças que ocorrem nos campos do trabalho, economia, política e cultura.

É claro que um grande número de atividades ainda exige conhecimentos bastante inferiores aos que são requeridos pelos setores de ponta. Mas esse quadro está mudando. A globalização, a revolução tecnológica e os novos modos de trabalhar tornam os seres humanos rapidamente obsoletos quando são mal preparados. Nada mais trágico do que a obsolescência humana. Nada mais dramático quando um chefe diz ao seu funcionário: "Estamos despedindo você porque aquilo que você sabe deixou de ser útil para esta empresa".

Não há outra saída: os países que desejam desfrutar dos benefícios da modernização têm de equipar seus povos com conhecimentos de alta qualidade. É isso que permite absorver inovações e criar outras. A alfabetização digital é essencial. A capacidade de se comunicar adequadamente é indispensável. A maleabilidade para trabalhar em grupo é fundamental.

No campo da educação, o Brasil tem feito um grande esforço no campo quantitativo, aumentando matrículas e diminuindo a repetência e a evasão escolares. Nos últimos dez anos, reduzimos os que estão fora da escola de 16% para 4%. Os que completam o segundo grau passaram de 11% para 19%. As matrículas nas universidades aumentaram quase 20%.

Tudo isso é louvável, mas está muito longe da qualidade dos conhecimentos tratada naqueles relatórios. Mesmo porque o Brasil possui ainda 13% de "analfabetos literais" e 29% de "analfabetos funcionais". Além disso, as pesquisas indicam que a maioria dos nossos alunos tem um domínio precário de linguagem, matemática e ciências. E não é para menos: 780 mil professores das escolas de primeiro grau (56%) não passaram pela universidade e 124 mil (9%) não concluíram sequer o segundo grau. A nossa força de trabalho tem, em média, 4,5 anos de escola - e má escola - o que nos deixa distante de vários países de renda média na América Latina (Chile, Costa Rica, Uruguai e outros) e anos luz das nações mais avançadas.

Essas nações não se contentam em educar bem as crianças e os jovens. Passaram a investir pesadamente na qualificação dos que já estão trabalhando. Na Inglaterra, 90% das empresas dão cursos aos seus empregados. Nos Estados Unidos até os trabalhadores temporários começam a ser treinados em serviço. A Noruega, primeiro colocado no Índice de Desenvolvimento Humano de 2001, acaba de aprovar a Lei no. 38, de 26/05/2000, segundo a qual, para cada dois anos de trabalho em determinada empresa, o empregado tem direito a se afastar, parcial ou totalmente, por até três anos, para se reciclar e evitar a obsolescência!

É verdade que esses são países de fronteira. Mas, uma coisa é certa. Nos dias de hoje, não tem mais cabimento medir a capacidade de um povo pela quantidade de anos que passa na escola. O que conta é a qualidade da educação; a escola que ensina o aluno a apreender sozinho e que introduz nos jovens o vírus da curiosidade. É isso que faz as pessoas a ter gosto pela leitura e pela descoberta do novo.

No Brasil, levantamento recente mostrou que só 30% dos brasileiros leram livros nos últimos três meses, incluindo-se aí a Bíblia, textos religiosos, de culinária, informática e material em quadrinhos (Câmara Brasileira do Livro, 2001).

Educação de boa qualidade tem um impacto expressivo na geração e difusão de inovações. Por isso, conclui o relatório do PNUD: "O desenvolvimento humano e o avanço tecnológico reforçam-se mutuamente, criando, como conseqüência, um círculo virtuoso de conhecimentos". O relatório da OIT vai na mesma direção: "A capacidade de transformar o conhecimento existente em novo conhecimento, constitui a principal vantagem comparativa de um povo".

Tudo isso se resume em uma só mensagem: as nações em desenvolvimento precisam alavancar rapidamente a qualidade da educação e promover uma grande guinada nas metodologias de ensino. Não basta transmitir informações. É preciso inocular nos alunos a capacidade de apreender continuamente.

F - Vai aí mais uma sugestão. Antes mesmo de se formar, fique de olho nas empresas que dão oportunidades para você "aprender a conhecer", "aprender a fazer", e "aprender a ser". Fique de olho em quem oferece oportunidades de estágio. E isso vem crescendo no Brasil, felizmente. Os dados do Instituto Eivaldo Lodi mostram que o número de estagiários aumenta mais de 25% ao ano.

Mas, as pesquisas mostram que a informação é apenas um dos elementos valorizados pelas empresas que buscam estagiários. Além da informação, elas buscam jovens que tenham facilidade para trabalhar em grupo, que demonstrem um franco interesse por aprender continuamente, que sejam dinâmicos e curiosos e que dominam pelo menos duas línguas além do português: o inglês e a linguagem da informática.

A combinação de um espírito combativo com um bom comando de si mesmo, é um capital extraordinário para vencer nesse mercado de trabalho que se transforma tão rapidamente.

Sinto que os jovens brasileiros estão precisando formar hábitos que são valorizados no mercado de trabalho. O principal de todos os hábitos é o de leitura. Essa é a chave do sucesso para qualquer profissão.

As boas escolas conseguem informar bem. Poucas, porém, sabem como formar nos seus alunos o hábito da leitura. A maioria das famílias também tem dificuldade nesse campo.

Por isso, resta aos próprios profissionais, desenvolverem uma estratégia para compensar as deficiências da escola e da família nesse terreno. A vocês, caros participantes deste encontro, sugiro que meditem sobre isso e tomem as devidas providências para instalarem dentro de si, os indispensáveis ingredientes para vencer a competição dos mercados de trabalho dos dias atuais e do futuro.

Mas, além de bons profissionais, o mundo atual está exigindo bons cidadãos.

O que é cidadania? A cidadania é o exercício de deveres e direitos individuais, respeitados os deveres e direitos da coletividade.

Notem que estou colocando os deveres antes dos direitos e isso não é acidental.

James Madison dizia que a cidadania começa com o respeito que os governados precisam ter pelos governantes.

Ela amadurece quando os governantes passam a respeitar os governados.

E chega à sua plenitude quando os governados passam a controlar os governantes.

O controle dos governantes é o último estágio da cidadania e isso depende enormemente do exercício de responsabilidades individuais.

Há uma grande diferença entre ser membro de uma sociedade e ser cidadão dessa sociedade. Os membros ficam sentados na arquibancada, aplaudindo ou criticando. Os cidadãos jogam o

jogo.

No Brasil, ainda somos mais membros do que cidadãos. Estamos sempre prontos para criticar. E ocupados demais para assumir as nossas responsabilidades individuais.

Uma sociedade baseada em cidadania é muito trabalhosa porque o exercício das responsabilidades individuais exige ação. Permitam-se contar aqui o que fiz na eleição de 2002.

Tradicionalmente, depois de examinar superficialmente a propaganda eleitoral que me enviavam, eu jogava a correspondência no lixo.

Em 2002, fiz diferente. Respondi a todos os candidatos a deputado federal e senador que me mandaram santinhos, com a seguinte carta:

Prezado candidato:

Fiquei honrado ao ser considerado um seu eleitor potencial. Como a única arma democrática que possuo é o meu voto, antes de me decidir, gostaria que você me respondesse às seguintes questões:

1. Gerar empregos depende muito de aumentar nossas exportações e, para tanto, é necessária uma reforma completa do atual sistema tributário. Que tipo de reforma você vai defender no Congresso Nacional? Descreva o impacto de sua proposta no campo do emprego.

2. A geração de emprego depende também de uma reforma completa do nosso sistema de relações do trabalho. Que tipo de reforma você pretende defender? Demonstre o seu reflexo da criação de postos de trabalho.

Se você não me responder, esqueça o meu voto, assim como o voto de todas as pessoas às quais vou mostrar esta carta e conversar à respeito da sua conduta.

Se você decidir me responder, comece por fornecer o número do seu telefone celular, pois desejo conversar muito consigo antes e depois da eleição.

Insisto no celular, porque gostaria de evitar ligar para aqueles telefones atrás dos quais se põem batalhões de secretárias para dizer que você está em reunião e não pode atender... Atenciosamente,

Enviei cerca de 30 cartas. Deu trabalho, mas não muito. O modelo estava gravado no computador. A minha tarefa foi simplesmente de personalizar a carta e o envelope, colocando-os no correio.

Francamente, achei pouco trabalho em vista do tanto que podemos fazer para melhorar a nossa democracia.

Recebi apenas 3 respostas. Mas não desanimei. Vou repetir o processo nas próximas eleições.

Chegou a hora de entrarmos em campo. De jogar o jogo. E decidirmos a partida. Para tanto, é indispensável, como jogadores, assumirmos nossa responsabilidade individual fazendo um balanço adequado entre deveres e direitos.

Como incutir nas pessoas as noções de cidadania? Para isso, é importantíssimo dar bons exemplos. Exercer a cidadania depende de ter “cacife”. Cacife moral.

O mundo de hoje está desvalorizando a importância dos exemplos. Os jovens já não sabem qual é a hierarquia dos valores.

Muitos pensam que o mais correto é não ter hierarquia. O mais grave é que os adultos os seguem, por falta de uma concepção amadurecida da importância da responsabilidade individual e do exemplo na formação de atitudes, valores e comportamentos que são básicos para o exercício da cidadania.

Como podem as crianças estudarem depois do jantar, se os seus pais ficam se divertindo na

televisão? Que tipo de exemplo é esse?

Afinal, o que a família deseja dos filhos? Será que ela acha ser possível à escola compensar todos os maus exemplos difundidos no lar?

A preparação para assumir responsabilidades é o ingrediente mais essencial para a formação da cidadania.

Não tenham ilusões. A vida dos cidadãos é muito mais trabalhosa do que a vida dos espectadores.

Para ser cidadão, não basta apenas criticar. É preciso participar. Não basta votar. É preciso trabalhar para controlar as ações dos governantes.

Não basta exigir disciplina do lado dos outros. É preciso cultivar, antes de tudo, a nossa auto-disciplina. E isto pode e deve ser trabalhado pela escola e pela família.

A escola tem um enorme trabalho a fazer nesse campo. Os desafios são enormes.

A sociedade moderna precisa construir mais e melhores pontes entre escola, trabalho e cidadania.

A escola está sendo desafiada a desenhar programas educacionais que se enquadrem nas características da vida moderna.

Nos dias atuais, pouco se fala em deveres. Nada se propõe para desenvolver nas crianças e nos jovens o senso de responsabilidade individual.

Neste mundo em que só se fala em direitos, a escola terá de vislumbrar uma metodologia para demonstrar aos jovens que jamais se chegará aos direitos se não passarmos pelos deveres.

Mais do que isso, a escola está sendo convidada a criar sistemas de ensino que valorizam os deveres da mesma maneira que o restante da sociedade valoriza os direitos.

Nós sabemos como transmitir direitos. Mas ainda não sabemos como inocular deveres.

O desenvolvimento do senso de responsabilidade individual é a chave da autonomia e da liberdade dos seres humanos. É isso que vai facilitar o nosso envolvimento com os temas maiores da sociedade.

É isso que vai nos permitir controlar os governantes e chegar a um tempo de progresso. De justiça. De pragmatismo. De bem estar.

Na minha vida de professor, o que mais me gratificou foi o fato de lecionar anos a fio aos calouros de 17, 18 e 19 anos. Tratam-se de jovens que entram na universidade com muita curiosidade, interesse e esperança. Eles chegam com uma chama de saber que vale a pena ser cultivada.

Sempre lecionei às 7:30 hs. da manhã. Sistemáticamente, eu entrava na sala de aula às 7:25 hs. e fechava a porta, com chave, às 7:30 hs.

As reclamações no início do semestre eram sempre as mesmas:

“Professor, atrasei-me um minuto e perdi a aula. Isso não é justo. Eu não fiz de propósito. O dia estava chuvoso e o trânsito, terrível...”.

Depois de 2 ou 3 semanas de aula, os alunos pediam uma reunião para discutir o assunto – ao que eu atendia, fora do horário de aula.

Os anos foram passando, os alunos eram sempre diferentes, mas o pedido era sempre o mesmo. Eles queriam uma tolerância de 5 minutos.

Pacientemente, eu procurava examinar as vantagens e desvantagens daquela medida.

A primeira reunião nunca era conclusiva. Eu mesmo procurava deixar algumas questões para eles pensarem:

O que eu deveria fazer com o aluno que chegasse às 7:36 hs.?

Perguntava ainda se não havia o risco de todos os alunos considerarem 7:35 hs. como horário normal. E assim por diante.

Através de conversas pausadas, íamos falando sobre hábitos, condutas, valores, atitudes, etc.

E, evidentemente, falava muito sobre os meus próprios hábitos.

Começava por enfatizar o respeito que tinha por eles ao dizer:

“Vocês são jovens inteligentes, cheios de vida e movidos pela curiosidade e vontade de aprender. Vocês merecem o melhor de mim. Por isso, chego sempre às 7:00 hs., subo para a minha sala, faço uma revisão final da aula anteriormente preparada, desço às 7:20 hs., tomo um café no bar da faculdade e entro na sala às 7:25 hs.

Preciso cultivar a calma e a tranqüilidade para fazer um bom papel. Aos que estão na sala eu dou toda a atenção. Respondo todas as perguntas. Entrego-me inteiramente a elas, num clima de máxima interação e intimidade”.

Perguntava, então, se a eles parecia justo que esse clima fosse interrompido por retardatários. A resposta sempre foi não. E isso era um bom começo.

Em seguida, dizia a eles que, nos meus 35 anos de ensino, atrasei-me 3 vezes. Só que, por moto próprio, nunca entrei na sala de aula e sempre pedi para a universidade descontar o meu dia de trabalho por considerar esse lapso como um profundo desrespeito aos alunos.

Para finalizar, perguntava aos membros da reunião por que eu, com os meus 60 anos podia chegar às 7:00 hs. e eles com seus 18 anos não podiam chegar às 7:30 hs.?

Era uma longa troca de exemplos de condutas que, por fim, convenciam os alunos a chegar às 7:20 hs. e aproveitar a minha oferta de pagar um café para todos para, com calma e tranqüilidade, começarmos a aula, todos juntos, às 7:30 hs.

O ensino dos deveres dá muito trabalho. Os métodos sofisticados pouco ajudam. A formação das responsabilidades individuais depende de coisas simples, de bons exemplos.

É através dos exemplos que as pessoas formam hábitos arraigados e passam a exigir igualdade de tratamento, neste caso, com muita moral, pois elas mesmas praticam o que desejam antes de reivindicar.

Afinal, os seres humanos não são objetos. São cidadãos de opinião. De vontades. De valores. De atitudes. De deveres. E de direitos.

O mundo avança de maneira veloz. E essa velocidade aumentará cada vez mais. De nada adianta dizer: parem o mundo que eu quero descer. Para nós, só resta nos adaptarmos à velocidade do mundo.

Será que estamos no fim de um processo de mudança? Penso que não. Esse é apenas o começo. Estamos na fase de cobrar.

Mas cobrar, além de dar trabalho, exige responsabilidade. Exige cidadania. Cidadania é isso. É cumprir com o meu dever para reivindicar o meu direito.

Nós mestres temos de difundir os direitos, é verdade. Porém, o mais urgente, no momento, é difundir os deveres.

Só assim poderemos contar com instituições sustentadoras da vida democrática.

As instituições precisam ser aperfeiçoadas de modo a criar um ambiente para que o povo exercite deveres e direitos.

Para que os protagonistas da produção e do trabalho venham a deliberar mais sobre suas próprias vidas, sem a interferência de terceiros.

Essa é a essência das mudanças que nos esperam. Em todas as áreas. Na previdência. Na saúde. No trabalho. Na política partidária. E na Justiça.

Repito. Isso dá trabalho. Muito trabalho. Mas é a única maneira de se construir um mundo melhor.

A grande tarefa dos próximos anos é nos organizarmos para isso. Os governantes terão de respeitar os governados. E os governados terão de controlar os governantes.

Um governo ativo só surgirá quando a Nação tiver cidadãos ativos. Não existe governo ativo com cidadãos passivos. Não existe governo ágil com cidadãos acomodados.

Um governo ativo é aquele que responde às nossas demandas. Não é um “senhor”, mas um parceiro.

O tempo de espera acabou. Ao governo não basta simplesmente mudar ministros. É preciso mudar políticas. Mudar de atitude. Mudar de conduta. Precisamos de um governo que reme menos e dirija melhor.

E isso depende do exercício da cidadania. Depende do trabalho dos interessados. Enfim, depende de nós.